



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

BIANCA BEZERRA GOMES

**RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM POEMAS DE
CRISTIANE SOBRAL**

**GUARABIRA
2019**

BIANCA BEZERRA GOMES

**RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM POEMAS DE
CRISTIANE SOBRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, como requisito para obtenção do grau de licenciada em letras.

Área de concentração: Literatura Afro-brasileira

Orientadora: Profª Drª Rosilda Alves Bezerra

**GUARABIRA/PB
2019**

G633r Gomes, Bianca Bezerra.
Resistência e valorização da identidade negra em poemas
de Cristiane Sobral [manuscrito] / Bianca Bezerra Gomes. -
2019.
34 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Mulher Negra. 2. Valorização. 3. Discriminação racial. 4.
Poesia negra. I. Título
21. ed. CDD 320.56

BIANCA BEZERRA GOMES

**RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM
POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL**

Trabalho de conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, em Guarabira/PB, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado no dia 07 de junho de 2019.

FOLHA DE APROVAÇÃO



Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra (UEPB/Orientadora)



Prof^a Dr^a Maria Suely da Costa (UEPB/1^a Examinadora)



Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araujo Silva (UEPB/2^a Examinadora)

*À minha amada e inesquecível avó Nely
Gomes (in memoriam) e minha querida
irmã Deoclécia Gomes, por todo o apoio,
pelo carinho e amor incondicional,
DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indiretamente para essa realização, aos meus pais Noemia e Antonio, minhas irmãs Débora, Deoclécia, minha amada sobrinha Sophia, e minha família por todo apoio cuidado e acolhimento, que serei eternamente grata por tudo que fizeram, pessoas importantíssimas para minha formação pessoal. Aos meus professores do ensino básico, pelo estímulo e encorajamento, em especial, Cristina, Josiellington, e minha querida irmã e professora Deoclécia;

Aos docentes de graduação, principalmente a minha orientadora Prof^a Dr^a Rosilda Alves Bezerra, Prof^a Dr^a Maria Suely da Costa, Prof^a Dr^a Rosângela Neres Araújo Silva e Rafael Braz. Agradeço aos meus colegas de sala que estiveram comigo ao longo desses cinco anos em especial amigos de estudos Graça, Raimundo, Valnize, Maria da Guia e Eliane a equipe Suave (Fátima, Léia, Luan Pollyana, Ranielly, Elidiane, Lariza), saudosamente agradeço em especial ao meu amigo de estudos Wellington Ramalho, que não está mais presente em corpo e alma, mas que estará sempre em minhas memórias. Sou grata a todos que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada e por último e não menos importante a todos que não citei.

*“A nossa escrevivência não pode ser lida
Como histórias para “ninar os da casa grande”
E sim para incomodá-los em seus sonos
injustos.”*

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A MULHER NEGRA	09
3 <i>NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS: RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO</i> <i>FEMININA</i>	14
4 <i>SÓ POR HOJE VOU DEIXAR MEU CABELO EM PAZ: SIMBOLOGIA E</i> <i>LINGUAGEM</i>	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	31

RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL

BIANCA BEZERRA GOMES¹

RESUMO

Cristiane Sobral, autora negra, atriz e escritora contemporânea brasileira de contos e poesias, traz em seus escritos um verdadeiro grito de liberdade para as mulheres negras. O presente artigo tem por objetivo analisar o discurso de libertação, resistência e valorização da identidade negra em alguns poemas de Cristiane Sobral, fazendo uso de duas obras, *“Não vou mais lavar os pratos”* (2010) e *“Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”* (2014). Duas coletâneas, com poemas, publicadas nos Cadernos Negros, que apresentam uma resistência aos padrões sociais impostos às mulheres negras, lutando por igualdade social e extinção da discriminação racial. Para embasar este trabalho utilizou-se de metodologia com caráter de pesquisa bibliográfica, analítico interpretativo, fazendo uso de autores como, Nilma Lino Gomes (2007), Cuti (2010) e Djamila Ribeiro (2018). Os poemas escolhidos para análise apresentam um pouco do conhecimento sobre suas causas, trajetória e luta por uma sociedade melhor em que todos os indivíduos possam viver com respeito e dignidade.

Palavras-Chave: Mulher Negra; valorização; discriminação racial; poesia negra.

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III.
E-mail: biancagomesk1@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Não vou mais lavar os pratos, livro de poemas de Cristiane Sobral, que intitula sua primeira obra lançada em 2010, trata-se de uma coletânea com alguns poemas já publicados nos *Cadernos Negros*, e traz em seus conteúdos a resistência e negação aos papéis sociais impostos à figura feminina, em especial a mulher negra, que traz uma carga histórica e social de discriminação.

A obra literária é um exemplo de resistência, libertação e valorização do feminino, que luta pela extinção das desigualdades sociais. Em seus escritos, a autora mostra as condições rotineiras em que a mulher é diariamente submetida e usa disso como forma de reflexão para a não aceitação de tal condição, inserindo-a num mundo com mais visibilidade e ganhando espaço como sujeito crítico e atuante na sociedade. Como podemos ver em Taíse:

A autora desconstrói por meio de seu poema os papéis socialmente instituído para a mulher e, nesse processo, através do eu poético do texto busca o rompimento de mecanismos cotidianos de opressão e exploração feminina que se modelam como formas de escravização” (SOUZA, 2015, p.88).

Na mesma perspectiva, apresentaremos a análise de outro livro de poema da mesma autora, intitulado *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, publicado em 2014. O texto mostra o desafio no enfrentamento de padrões já estabelecido por uma sociedade não negra, com uma mulher negra escrevendo e publicando, o que já indicia o fato de se ter poucas escritoras nesta situação, o livro traz considerações sobre um modo particular e subjetivo de enfrentar as adversidades da vida. Busca combater o preconceito e diminuir a discriminação em torno da mulher negra.

Este presente artigo tem como objetivo analisar o discurso de libertação e resistência e valorização do feminino abordado nos poemas da obra “*Não vou mais lavar os pratos*”, de Cristiane Sobral, uma de suas obras mais conhecidas. E na segunda parte do texto, buscaremos elaborar uma análise de alguns poemas da obra *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*.

Os aportes teóricos usados para elaboração deste artigo baseiam-se em estudos como: *Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamilia Ribeiro (2018), *Literatura negro-brasileira*, de Luiz Silva Cuti (2010), artigos de Eduardo Assis Duarte, em torno da *Literatura e Afro-descendência*, nos quais fundamentará os

estudos realizados para a análise e investigação do tema retratado, abordando uma metodologia analítico interpretativa.

Este artigo mostrará um pouco da trajetória da figura negra feminina a partir do discurso poético de Cristiane Sobral. Alguns temas são abordados nos dois livros, como liberdade, resistência, empoderamento e valorização da mulher negra uma vez que o eu poético tenta desmistificar os paradigmas culturais impostos às mulheres a partir de reflexões críticas sobre suas condições vistas socialmente como inferiores. Dessa forma, buscaremos destacar uma conscientização de respeito com a heterogeneidade, mistura racial que contém no Brasil, a busca pela visibilidade, igualdade como sujeitos ativos na sociedade atual e mostrar a importância da escrita negra feminina como forma de libertação e valorização dessa mulher no mundo literário.

O presente trabalho está dividido em duas partes, uma primeira parte apresenta a história da literatura negra feminina no Brasil, apresentando a autora Cristiane Sobral, e a análise de quatro poemas do livro *Não vou mais lavar os pratos*: “Não vou mais lavar os pratos”, “Nzingas guerreiras”, “Faveiros” e “Cuidado”, poemas que apresentam ao nosso ver temas diversificados, porém inseridos na temática da literatura afro-brasileira feminina.

Na segunda parte, apresentaremos poemas do livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, que segue a linha temática afro-brasileira, e apresenta a relação existente entre a mulher e seu corpo, elegendo o cabelo como uma espécie de simbologia da identidade negra. Nessa parte, será utilizado o apoio do estudo de Nilma Lino Gomes (2007), em *Sem perder a raiz*, que traz o tema do cabelo afro como um estudo não somente físico e biológico, mas, principalmente, como uma discussão no sentido social e de resistência cultural. E também será analisado alguns poemas dessa obra como: “Só por hoje”, “Black no preto” e “petrardo”.

2 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A MULHER NEGRA

Não tem sido fácil a trajetória das mulheres num país marcado pelo patriarcado como o Brasil, no qual a manteve presa, submissa ao homem primeiro ao seu pai e depois ao marido, sempre com receio da repreensão masculina que as tinham como propriedade. E ser negra em um país onde a escravidão durou cerca

de três séculos, e deixou marcas e danos cruéis que as seguem até os dias de hoje, tendo que lutar diariamente para que seja possível uma conscientização dos outros sobre a aceitação daquilo do que se considera diferente.

Muito se tem discutido sobre o que pode ser considerada uma literatura negra. Autores como (Eduardo Assis Duarte), que defende uma literatura afro-brasileira e (Cuti), que tem outra denominação para definir o que seja esse tipo de literatura, apresentamos o pensamento de Proença Filho que busca uma forma de identificar a literatura através de sua autoria. Para o autor:

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. *Lato sensu*, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros. (PROENÇA FILHO, 1988, p. 78).

Se levarmos em consideração a posição teórica de Proença Filho, entendemos que a escritora Cristiane Sobral se encaixaria nessa categoria, uma vez que se coloca como uma escritora negra, com posicionamentos ideológicos, e defesa de uma cultura de valorização da identidade negra no Brasil. No entanto, Cuti (2010), quando discute sobre *Literatura negro-brasileira*, além de teorizar sobre a escrita negra e apresentar os principais grupos e autores, apresenta um contexto histórico do racismo no Brasil e sobre o compromisso da literatura no processo discriminatório:

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua [...]. Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação (CUTI, 2010, p. 12).

Cuti traz um pensamento sobre as discussões em torno do contexto social brasileiro desde o período colonizador, e defende que a luta entre escravizados e escravizadores mudou apenas a roupagem, mas a exploração e o racismo é uma constante no país. Por isso, a importância de se escrever, de colocar uma autoria

negra como a de mulheres, principalmente, para poder expor sua subjetividade, inspirar outras pessoas a escreverem, contando a sua história e valorizando a identidade negra.

Desde o início da literatura, a mulher negra é representada como uma personagem caracterizada pela visão do homem branco, que a categorizava como escravas para satisfazer os seus desejos, apresentada nas ficções e na sociedade como sendo sensual, sedutora, uma visão estereotipada que não continha voz nem representatividade. O termo “*Mulata*”, que ficou comumente conhecido aqui no Brasil há muito tempo usado para nomear as mulheres afro de cor mais clara, fruto da relação entre um homem branco com uma negra. Como podemos observar na fala de Ribeiro, em *Quem tem medo do feminismo negro?*”, a autora discorda dessa nomenclatura:

A palavra de origem espanhola vem de “mula” ou “mulo”: aquilo que é híbrido, originário do cruzamento entre espécies. Mulas são animais nascidos da reprodução dos jumentos com éguas ou cavalos e jumentas. Em outra concepção, são resultado da cópula do animal considerado nobre (*equus caballus*) com o animal tido de segunda classe (*equus africanus asinus*). Sendo assim, trata-se de uma palavra pejorativa que indica mestiçagem, impureza, mistura imprópria que não deveria existir (RIBEIRO, 2018, p.141).

A figura do negro começa a atuar como sujeito e ter seu próprio discurso na literatura, como autores na condição de Luiz Gama, em 1861, foi um pioneiro nas letras em trazer para a sociedade as questões do seu povo, ele se reconhecia como participante dos seus poemas, levantando uma consciência negra, que luta por seus direitos e vai contra o preconceito racial. Segundo Zilá Bernd, “Luiz Gama se assume como outro [...]. Nesta medida, sua poesia configura-se como sendo um *divisor de águas* na literatura brasileira, pois traz à tona a fala do negro que assume a primeira pessoa do discurso” (BERND, 1988, p. 46).

Dessa forma foi surgindo, em 1970, um movimento negro, que protesta contra a intolerância racial impondo seu espaço na sociedade, o Movimento Negro Unificado, que ganhou força com o lançamento de uma coletânea em 1978, idealizada pelo grupo Quilombhoje, *Os Cadernos Negros*, que contém diversos poemas e textos mostrando a cultura, luta e protestando contra a desigualdade, fazendo um papel muito importante para a comunidade negra, pois ele abre espaço para autores e autoras afro no qual eles mostram as dificuldades em seu cotidiano,

luta, reivindicações de seus direitos e protestam contra o preconceito racial, como nos mostra Zilá Bernd:

O objetivo é problematizar o caráter transitivo da literatura negra brasileira que pode ser definida como sendo aquela onde emerge uma consciência negra, (...), buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira e preocupando-se em protestar contra o racismo e o preconceito de que é vítima até hoje a comunidade negra brasileira, apesar de passados mais de cem anos da abolição da escravidão (BERND, 2003, p.113-114).

Os *Cadernos Negros*, desde sua primeira edição, traz autoras negras com representatividade em diversos textos e poemas, como podemos destacar algumas autoras de grande visibilidade: Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Cristiane Sobral, Joice Berth e entre outras mulheres escritoras. Nessa coletânea elas encontram espaço para através dos textos escritos pelas subjetividades femininas afro de manifestar suas vontades, anseios e angústias, protestando não apenas contra o preconceito mas também contra o sexismo, a misoginia e o machismo. Cuti destaca o fato de muitas gerações vem combatendo a questão do racismo. Nessa perspectiva:

Certa mordaza em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado (CUTI, 2010, p. 13).

Ao decorrer dos séculos, as mulheres vêm mostrando que podem mudar essa situação, a base de muitas lutas e sacrifícios aos poucos conquistando voz, direitos e o seu lugar na sociedade, revelando que são tão inteligentes e capacitadas quanto os homens e, até mais. E dessa forma foi surgindo, o feminismo movimento político social que busca incessantemente por direitos igualitários entre homens e mulheres, como afirma Zolin (2010): “[...] Categoria política e, não pejorativa, relativa ao feminino como movimento que preconiza a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não apenas em termos legais, mas também em termos da prática social” (ZOLIN, 2010, p.182).

Na contemporaneidade, a mulher impulsionada pelo movimento feminista tem ganhado evidencia no mundo literário, fazendo uso da escrita como forma de resistência. De acordo com Lima (2016 p. 48), “A poesia brasileira de autoria

feminina, sobretudo a partir do início deste novo século, vem sendo marcada por uma intensa e saudável multiplicação de vozes”. A participação de autoras negras na escrita de textos literários vem crescendo aos poucos e enfrentando grandes dificuldades como nos mostra Pestana (2017, p. 26)

Porém, ainda percebemos muito preconceito com essa escrita feminina. A sociedade patriarcal, dentro e fora do universo afrodescendente, ainda domina com muita força, tentando, de várias formas, coibir o pensamento e as formas de expressão femininas.

O discurso feminino apresenta-se de forma diferente do masculino, a mulher ver o mundo com outros olhos, percepções diferentes ela revela ser mais realista assim conseguindo enxergar sua realidade e condições as quais estão inseridas, encontrando na literatura um espaço para manifestar seus anseios, suas vivências e usando da escrita como meio para reivindicar por igualdade social. Seguindo semelhante linha, Pestana (ibid.) afirma:

(...) mulheres afrodescendentes encontram lugar para se manifestar e se fazer reconhecer, escrevendo sobre sua condição, seu papel na sociedade, seus desejos, suas experiências e suas percepções do universo, numa linguagem que lhes é própria.

A importância da existência de uma literatura de autoria feminina negra, que destaque a mulher ocupando seu espaço no mundo literário é urgente nesse país de tão poucas escritoras nestas condições. Algumas autoras relatam que escrever é libertário, prazeroso, um alívio e forma de defesa, um escudo e comprometimento com a sociedade e com outras mulheres as quais através da leitura são induzidas a perceber o mundo ao seu redor e sua posição na sociedade, fazendo disso uma forma de resistência. Como podemos observar em Souza (2015, p. 86):

[...] uma vez que vemos em nosso percurso histórico e social outras e renovadas formas de dominação, sendo a mulher, especialmente a negra esse outro, muitas vezes oprimido. Nesse contexto, muitas mulheres passaram a utilizar a escrita como forma de luta e contestação, contra a opressão e inferiorização, utilizando recursos textuais como a paródia para explanarem seus problemas, aliando a literatura a uma perspectiva histórica, social e cultural.

3 NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS: RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO FEMININA

Cristiane Sobral nasceu na zona oeste do Rio de Janeiro, é atriz e escritora e arte educadora. Mestranda em Artes pela Universidade de Brasília, e Especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho. Licenciada em Educação Artística pela Universidade Católica de Brasília e Bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília, a autora tem um longo currículo, revelando em seu texto uma maturidade que pode ser investigada tanto nos seus livros de prosa, quanto nos de poesia. Professora da SEDF —Atuando como Coordenadora Intermediária na Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante —DF. Diretora de literatura afro-brasileira no Sindicato dos Escritores. Começou a publicar em prosa e poesia em 2000 na antologia *Cadernos Negros*. Suas obras poéticas e ficcionais são *O tapete voador* (2016), *Espelhos Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011), *Não vou mais lavar os pratos* (2011), e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014).

Cristiane Sobral considera o fato de estar produzindo e de já possuir cinco livros publicados, é uma forma de desafiar os padrões, ainda mais por defender o fato de não se embranquecer no universo de suas histórias, declara em entrevista para UnBTV (2017). Segundo Cuti (2010):

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões inerentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar sócio-ideológico de onde esses produzem. (CUTI, 2010, p. 33).

A autora considera a escola como primeiro passo para se perceber a discriminação de que pretos e pardos, ou seja, o racismo que ainda existe com muita insistência no espaço escolar, inclusive nos lugares que estavam reservados e estereotipados para negros e negras. No momento em que um negro busca ocupar um espaço que não está direcionado para ele, já está desafiando padrões, assim como outras mulheres negras escritoras, desde o século XIX, que é o período datado das primeiras escritas, esse tipo de literatura tem uma subjetividade negra como protagonista.

É nesse sentido que Sobral considera a sua literatura como a de resistência, na medida dessa demarcação de espaço, e a sua própria permanência dentro desse campo literário. É um ato de resistência porque essa mulher negra permanece na

base da pirâmide, sujeita a todo tipo de exclusão, então, a literatura como espaço de poder, e espaço de concentração de renda, dominado, principalmente, pelo homem não negro, a mulher negra que escreve está mais do que resistindo, ela anuncia um novo tempo. Segundo Ribeiro (2018, p. 77):

Se racismo e machismo são elementos fundadores da sociedade, as hierarquizações de humanidade serão reproduzidas em todos os espaços. Desse modo, a ciência já foi utilizada para legitimar racismo através dos estudos de evolução biológica do século XIX, que introduziam o conceito de “racismo biológico”, assim como para tentar provar uma suposta inferioridade natural da mulher.

Não vou mais lavar os pratos, poema que intitula o primeiro livro publicado de Cristiane Sobral em 2010, já apresenta em seu título a marca da libertação feminina e empoderamento, características de sua escrita, a obra é composta por uma coletânea de poemas em que a autora mostra suas visões a respeito da condição feminina na realidade contemporânea, Sobral enxerga as condições opressoras em que as mulheres estão inseridas e por meio disso vem desconstruir essa visão misógina tão presente na sociedade atual. Cuti afirma:

[...] Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais. (CUTI, 2010, p. 87- 89).

A partir desse pensamento de Cuti, compreendemos que o título do livro de Sobral simboliza uma atitude positiva coletiva, porque representa as autoras negras do Brasil: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, ou seja, é uma decisão, uma atitude de mudança do estado das coisas predeterminadas, mas que querem se afirmar nesse espaço de produção.

A autora reconhece os diversos papéis assumidos pela mulher negra e por meio deles passa a refletir, atos tão simples como lavar os pratos algo tão comum e rotineiro na vida da mulher, mas enxerga além, reconhece como uma submissão, como se o lugar da mulher fosse apenas na cozinha, cuidar da casa e do lar, uma cultura altamente machista que através de seu discurso tenta desconstruir.

Não vou mais lavar os pratos

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito. Comecei a ler

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
Não levo mais o lixo para a lixeira
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito
Depois de ler percebi a estética dos pratos
a estética dos traços, a ética
A estática

Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante
Sinto
Qualquer coisa

Não vou mais lavar
Nem levar
Seus tapetes para lavar a seco
Tenho os olhos rasos d'água
Sinto muito
Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê
Existem coisas
Eu li, e li, e li
Eu até sorri
E deixei o feijão queimar...
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
Considere que os tempos agora são outros...

Ah,
Esqueci de dizer. Não vou mais
Resolvi ficar um tempo comigo
Resolvi ler sobre o que se passa conosco
Você nem me espere. Você nem me chame
Não vou

De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto
Desalfabetizou

Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis
Não tocarei no álcool

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
 Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
 Meu tênis do seu sapato
 Minha gaveta das suas gravatas
 Meu perfume do seu cheiro
 Minha tela da sua moldura
 Sendo assim, não lavo mais nada
 e olho a sujeira no fundo do copo

Sempre chega o momento
 De sacudir
 de investir
 de traduzir

Não lavo mais pratos
 Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
 Em letras tamanho 18, espaço duplo
 Aboli

Não lavo mais os pratos
 Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
 E jóias de ouro
 Legítimas
 Está decretada a Lei Áurea.

(SOBRAL, 2015, p. 18-20)

Algumas características do universo feminino são atribuídas ao eu lírico, uma vez em que declara que “não vai mais lavar os pratos”, trabalhos domésticos que recaí, quase sempre, sobre a mulher, a posição que lhe é atribuída como a dona do lar, e ao fazer essa declaração ela está resistindo, negando tal posição, pois agora com o conhecimento atribuído a leitura, sente-se mais independente.

Nesse primeiro momento, o poema mostra uma negação à condição social em que a ela está inserida, a dona de casa, a que cuida do lar, o qual nos remete aos tempos de escravidão em que as mulheres negras eram destinadas a cozinha, na atualidade esse peso ainda está sobre a responsabilidade da figura feminina e quando o eu poético afirma que “não vai mais lavar os pratos”, “Nem vou limpar”, “não levo mais”, “Nem arrumo”, expressões que resistem a tal imposição e nos revela que a leitura lhe abriu os olhos, o conhecimento abre a mente e faz ver as coisas com outros olhares e enxerga seu devido valor, passa a questionar as coisas e buscar respostas. Como nos mostra Pestana (2017, p. 54): “[...] o conhecimento

transforma a pessoa. O indivíduo que lê, estuda, passa a se conhecer e reconhecer seu lugar no mundo e seu papel na sociedade”.

Em um segundo momento, Sobral, através de seu poema nos mostra as relações amorosas estabelecidas pela sociedade, em qual a mulher é sujeitada ao homem na maioria das vezes, que deve cuidar dele e de suas coisas. Podemos perceber que a leitura e o conhecimento expandiram seus pensamentos para que o eu lírico abrisse os olhos e percebesse o relacionamento abusivo no qual estava envolvida e decide que não vai mais assumir tal papel, que agora ela mesma toma suas próprias decisões, nota-se isso quando ela usa expressões como “aprendi a separar meu tênis do seu sapato”, minha gaveta das minhas gravatas”, meu perfume do seu cheiro”, ela revela independência e empoderamento. Segundo Conceição Evaristo:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p. 21).

Considerar o pensamento de Conceição Evaristo revela o quanto o eu-lírico no poema de Sobral mostra uma mulher livre, independente, libertária, que não precisa da figura masculina em sua volata, como nos mostra Pestana (2017), Cristiane Sobral não escreve sobre as típicas mulheres que sofrem por amor, elas são independentes dona de si, de suas vidas, vontades e desejos.

E por fim, ela enfatiza mais uma vez essa resistência e utiliza a Lei Áurea para mostrar que não é mais escrava e sim uma mulher livre, nota-se que antes das leituras ela ainda era escravizada e não percebia mesmo já existindo a Lei Áurea, mas é como se ela não soubesse e depois do conhecimento, dos estudos e leituras que ela passou a se dar conta que não era mais obrigada a ser a escrava do lar deixando isso bem claro ao dizer, “Li a assinatura da minha lei área escrita em negro maiúsculo em letras tamanho 18, espaço duplo” e passa a exigir luxo, já que ela era livre e deveria ter os mesmos direitos que os brancos e ricos: “quero travessas de prata, cozinha de luxo e joias de ouro legítimas”. Ela também quer ter riquezas, dessa forma reivindica por direitos iguais.

Quanto a sua estrutura externa, o poemas apresenta 12 (doze) estrofes, observa que é bem extenso, em sua maioria versos livres com apenas algumas rimas em certos versos como por exemplo em “A estática, Aetética” que é utilizado com intenção de dar mais harmonia ao poema.

O poema a seguir exalta a mulher, revelando sua valentia e coragem comparando-as com a guerreira Nzinga, figura muito importante para a cultura negra.

Nzingas guerreiras

As mulheres que conheci foram guerreiras
Nunca deixaram de madrugar segundas-feiras
Enfrentaram inúmeros desafios com alegria
Graças a Deus aprendi com essas mulheres
Graças a Deus cresci com tantas mulheres
De longe e de perto

Encontrei mulheres rumo ao sucesso
Algumas souberam encontrar o caminho certo
Muitas enxergaram os tropeços da estrada bem perto
Sempre admirei suas glórias após o fracasso

Mulheres corajosas diante de cruel chibata da realidade
Que souberam dar a volta por cima
Olha para trás e seguir adiante
Mulheres que reinventaram o poder de decisão
Sei que existem muitas mulheres perdidas
Sei que muitas estão escondidas
Mas é chegada a hora da revolução

Vamos movimentar nossos quadris rumo ao futuro
Certo
Femininas e prontas para a reconstrução
Seguras e cheias de paz
Capazes de enfrentar novos desafios
Sábias, fortes, infinitas
Mulheres bonitas e mulheres bondade
Solidárias na decepção

Evoé, guerreiras como Nzinga
Rainhas dignas de exaltação.

(SOBRAL, 2015, p. 30)

O poema traz em seu título o nome da rainha guerreira “*Nzinga Mbandi*”, considerada o maior símbolo da resistência africana contra a colonização. A Rainha Nzinga é entendida como a grande defensora da “unidade dos povos na luta de resistência contra o invasor”:

A rainha Nzinga Mbandi representa, para os integrantes da diáspora no Brasil e no Caribe, a ligação mais profunda, seja ela espiritual, seja da memória afetiva, com a África, que para muitos de nós é uma pulsação firme no coração, é a cor da pele. A rainha é a presença mágica que nos mantém conectados com a África ancestral e nos impele a resistir a todas as adversidades impostas pelos mais de 500 anos de opressão e escravidão negra e, principalmente, nos faz orgulhosos de sabermos de nosso pertencimento a um continente que é o mais antigo deste planeta e que deu “à luz” a Humanidade, da forma como a conhecemos (MATA, 2012, p. 151).

No poema de Sobral, o eu lírico apresenta as mulheres e suas lutas no dia-a-dia com seus fracassos e sucessos enfrentando suas dificuldades com muita coragem e resistência sem desistir. Não deixa de ser uma inspiração a Rainha Nzinga que mantém as mulheres conectadas com a África ancestral. Podemos notar forte presença do feminismo negro e da valorização, uma vez em que o eu poético compara as mulheres a uma rainha guerreira africana, e as incentiva a buscar por seus direitos exaltando-as com admiração e orgulho, chamando para a luta, futuro e evolução. Sobral nesse poema se coloca como sujeito participante do discurso quando declara: “Vamos movimentar nossos quadris rumo a um futuro certo”. Ela se inclui no discurso assim causando mais proximidade com os seus leitores, uma das principais características da literatura Afro-brasileira, o negro não é tratado como o outro, ou seja, aquele de quem se fala ele assume o “nós”, afirmando que também faz parte da situação. E finaliza usando o termo “Evoé”, que é um grito de felicidade, alegria, comparando as mulheres guerreira a Rainha Nzinga.

Poema curto com 5 (cinco) estrofes e 26 (vinte e seis) versos, apresenta em algumas estrofes versos com rimas intercaladas dessa forma trazendo musicalidade ao poema e em outras estrofes os versos são livre sem presença e rimas.

Faveiros

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
Num genocídio eletrizado pelo choro das mães
Numa ópera do desespero

Quiseram exterminar essa gente de pele preta
Que continua resistindo
Subindo e descendo o morro

Gente valente que já cruzou tantos mares
Que calça as sandálias da valentia
Pisa as serpentes do mundo mau

Quiseram acabar com o descanso dessa gente
Que segue olhando a vista da cidade maravilhosa

Enxerga de um ponto privilegiado, esbanja outro tipo de visão

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
 Conseguiram uma concentração de beleza, de coragem
 Um povo que vira a cara pro rancor e segue adiante

Quiseram transformar a favela num campo de concentração
 Em vão
 É melhor dar do que receber.

(SOBRAL, 2015, p.40)

O poema traz em sua estrutura externa 6 (seis) estrofes e 17 (dezessete) versos, apresentando repetição da palavra “quiseram” e do verso “Quiseram transformar a favela num campo de concentração” dando musicalidade ao poema.

Nesse poema, Cristiane Sobral, vem destacar o preconceito existente há muitos anos com as favelas, onde mora a maior parte da população a margem da sociedade, excluídos pela “elite do Rio de Janeiro”. Acredita-se que essas comunidades são as escórias da sociedade atual no Brasil, por ser composta em maior parte de negros, pobres e conter uma grande criminalidade. O eu lírico protesta contra as intervenções militares ocorridas nas favelas no qual acontecem muitas mortes de seus habitantes, como vimos em julho de 2018, a morte de um jovem garoto de 14 anos de idade, que foi morto friamente durante o dia quando estava a caminho da escola com uniforme e mochila por um “cara blindado” (policial), como ele mesmo dizia para sua mãe minutos antes de perder total sentido, triste e fatídica situação e que infelizmente tem muitos casos como esse.

Num segundo momento, percebemos o quanto são fortes e determinados, enfrentam muitas dificuldades devido ao preconceito gerado em torno de sua raça e classe social, mas estão todo dia na luta ignorando tal discriminação, ressalta também sua localização geográfica por as favelas serem construídas nos morros, eles tem um visão privilegiada da cidade “maravilhosa” (Rio de Janeiro), e por fim conclui o poema enaltecendo a beleza e coragem do seu povo, mostrando que eles resiste a todos esses tipos de opressão social.

Cuidado

Eu vou falar do nosso cabelo
 Eu vou falar de tudo o que fazem tentando sucesso
 Eu vou falar porque isso acaba com a gente

Primeiro aparecem uns pentes frágeis
 Impossíveis às nossas madeixas
 Depois apontam para um padrão

Que nunca poderemos ter
Ficamos condenados à indiferença e à exclusão

De repente
Sonhamos com toalhas amarradas na cabeça oca
Num passe de mágica
Aceitamos o codinome pixaim e o sobrenome Bombril

Começamos a moldar o caráter
A amolecer diante das decisões
Infelizmente esquecemos que só podemos ser o que somos

Passamos a vida inteira tentando atingir uma clareza
Que nunca poderemos ter
Nem precisamos

A negritude é um quarto escuro
Com bicho-papão e mula sem-sem-cabeça
É um quarto mítico onde ninguém que entrar

Eu vou falar do que fazem com nosso cabelo
Eu vou falar de tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar, porque isso acaba com a gente

Primeiro dizem que todos somos iguais
Que somos todos filhos de Deus
Rapidamente é diagnosticada a paranoia
Começamos a achar
Que o problema está em nossa cabeça preta

Nunca no olhar do outro
Nunca no deboche do outro
Nunca no sorriso de lado

Algumas conseguem ir mais longe
Mas isso tem um preço

Precisamos ficar sozinhos
Precisamos ficar clarinhos
Precisamos usar apliques

Eu vou falar do que fazem com o nosso cabelo
Eu vou falar de tudo o que fazem tentando o sucesso
Eu vou falar porque isso acaba com a gente

Deu branco!
Alguém me empresta uma identidade
Aprovada no teste de boa aparência?

(SOBRAL, 2015, p. 66-67)

Cristiane Sobral, nesse poema traz como tema principal os padrões de beleza impostos pela sociedade branca, mostrando a exclusão que o negro sofre por não se encaixar nele. Em um primeiro contato com o poema percebemos a busca incessante por tentar se encaixar nas perspectivas de beleza cobrado, começando pelo cabelo, por ser uma parte bem característica e marcante dos povos afro-

brasileiro, que sempre é alvo de preconceitos e deboches como mostra no seguinte verso; “Aceitamos o codinome pixaim e o sobrenome Bombril”, e ao tentar mudar sua aparência dessa forma também vai mudando sua personalidade, seu caráter e sua essência negra, um padrão que ela reconhece que nunca vai conseguir alcançar e que não precisa.

Já num segundo momento o eu lírico ressalta o preconceito racial que sofre e questiona a hipocrisia religiosa de se dizer que “todos são iguais filhos de Deus”, sendo que na realidade do seu dia a dia isso não acontece, eles sempre vão olhar os negros com indiferença. De acordo com Cuti (2010), que segue mesma linha de pensamento:

A imagem é o mais importante elemento de decodificação do outro. E decodificamos o outro com o que aprendemos em nossa vida até o momento do contato. O preconceito racial e o de gênero são fatores preponderantes para avaliação prévia de alguém. Quando não dispomos de dados reais, advindos de fonte fidedigna, acerca da outra pessoa, ou quando esses dados são muito escassos, apelamos para o nosso arquivo de memória, onde estão guardados também os nossos preconceitos. (CUTI, 2010, p.12)

E por fim ela nos mostra que de tanto tentar ser outra pessoa, acaba esquecendo de si, dessa forma anulando-se para virar outra pessoa e conseguir entrar nos padrões. Cristiane Sobral está comprometida com a causa negra, e nesse sentido busca trazer para a discussão alguns temas que afetam os negros, e principalmente as mulheres negras. *Não vou mais lavar os pratos* procura ressignificar imagens de representação da mulher negra e combater os discursos de racismo e sexismo que permeiam a realidade brasileira. O texto de Sobral constroi reflexões que enfatizam o trabalho intelectual das escritoras negras como uma parte fundamental na luta pela libertação e descolonização de sujeitos historicamente oprimidos e/ou explorados. Na próxima parte do trabalho será analisado *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*.

Poema longo com 13 (treze) estrofes, trazendo repetições em alguns versos como podemos observar nas estrofes 1(um), 7 (sete) e 12 (doze) a repetição da frase “Eu vou falar”; no parágrafo 9 (nove) a frase “Nunca no” e na estrofe 10 (dez), “precisamos” assim trazendo rima e harmonia para a estética do poema.

4 SÓ POR HOJE VOU DEIXAR MEU CABELO EM PAZ: SIMBOLOGIA E LINGUAGEM

Cristiane Sobral em entrevista para a UnBTV (2017), afirma que o Brasil é o segundo país no mundo que mais consome cosméticos, segundo ainda com esse padrão eurocêntrico capilar, no qual grande parte das mulheres desejam fazer o tratamento de alisamento para não mostrar sua raiz ou cabelo crespo. Nesse contexto, aprofundar a discussão sobre essa subjetividade, de colocar o cabelo afro como parte da linguagem do corpo, também é um ato de resistência e de valorização da identidade negra. Na produção poética *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, Cristiane Sobral (2014) parte da intenção de ter uma subjetividade maior em relação ao corpo negro a partir da aceitação do cabelo crespo. Segundo Gomes (2007), é necessário que exista uma conscientização sobre as possibilidades positivas do cabelo afro, uma vez que o processo de reabilitação do corpo negro na reversão das representações negativas presentes no imaginário herdado de uma cultura racista possa ser superado. No poema que dá título ao livro, há uma nítida representação do processo identitário vivido por mulheres negras, a convivência com seu cabelo.

Só por hoje

Só por hoje
 Vou deixar o meu cabelo em paz
 Durante 24 horas serei capaz
 De tirar
 Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
 Enfrentar a claridade
 Só por hoje

Só por hoje
 Durante 24 horas
 Serei capaz
 De contemplar o que sou
 Só por hoje
 Encarar a claridade
 Sem as sedutoras lentes
 Que nos ensinam
 A desejar ser quem não somos

Só por hoje
 Desafiar a claridade
 Com os escurecimentos necessários
 De um olhar "3D"

Só por hoje
 Só por hoje

Vou deixar o meu cabelo em paz.

(SOBRAL, 2014, p. 16)

O cabelo crespo é uma característica muito marcante na estética dos negros, que por vários anos vêm sendo vítima de preconceito racial devido sua aparência ser diferente dos cabelos lisos e loiros considerados “padrões de beleza Americano”. O eu poético assume suas raízes e origens sem medo, mostra se opor aos métodos de alisamento capilar, ao alisar o cabelo ela está escondendo sua verdadeira personalidade para se tornar uma outra pessoa a qual ela não se encaixa, apenas para satisfazer os outros e ser aceita na sociedade. Então resolve dar uma folga para seu cabelo, passar um dia em paz sendo ela mesma, como diz Ribeiro:

A sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só minha voz, mas também minha existência. (RIBEIRO, 2018, p. 15)

Então, o eu poético decide por um dia não alisar o cabelo e enfrentar o mundo de forma mais natural sendo ela mesma, ficando mais a vontade consigo mesma, mas ela não pretende ser assim todos os dias é só por apenas 24 horas, depois disso ela voltará a seguir os padrões estéticos no qual a sociedade passará a lhe julgar menos.

Em sua estrutura externa o poema apresenta 4 (quatro) estrofes, versos livres com repetição por todo poema da frase “Só por hoje” dessa forma dando um pouco de rima a poesia.

Em “Black no preto”, a poeta faz uma crítica aos posicionamentos das pessoas em relação aos vários tipos de negros que podem ser encontrados na sociedade brasileira. Nesse poema repete-se os estereótipos que são usados cotidianamente em relação às pessoas negras. O racismo consolidado e negado presente na vida do brasileiro, a política de discriminação que engendra a sociedade brasileira e que mantém uma situação estrutural e estruturante de colonialismo.

Black no Preto

Um preto de Black Power é suspeito
Não foi alisado?

Não foi iludido?
 Não foi cooptado
 Pelo sistema?

Um preto de Black Power
 Deve ser perigoso
 Vagabundo, meliante
 Qualquer coisa que não preste
 Preto é sempre preto
 E não nega a raça

Um preto de Black Power
 É melhor prestar atenção
 Elemento cor padrão?
 Deve ser investigado...

Um preto de cabelo em pé
 Ora que ousadia
 Raspem a cabeça
 Antes que ele esqueça
 Que não deve ter opinião
 Que não pode ser livre
 Não pode não

Esse preto é pura ameaça
 Daqui não passa...
 Levem, raspem e joguem na prisão!
 O sistema carcerário é a solução
 Transforma bandido em cidadão

Viram?
 Tirando o Black Power
 Surge o homem de bem
 Aparência nota cem
 Um preto de alma branca
 Nunca sofreu racismo
 É fruto do capitalismo
 Está tudo bem.
 (SOBRAL, 2014, p.28)

Estrutura composta por 6 (seis) estrofes, com alguns versos emparelhados trazendo rima pro poema, algumas frases repetidas como na primeira estrofe, “ Não foi” e no quarto parágrafo “que não” o qual traz para um pouco de musicalidade e beleza quanto sua estética.

Percebe-se o pré-julgamento sobre os negros muito frequente na sociedade atual, não o conhece, mas por causa de sua cor e aparência já é automaticamente julgado como um ser humano ruim de mal caráter. Preconceito enraizado na classe dominadora. Mostra a opressão em não permitir sua liberdade de expressão, de não poder se vestir como quiser, dessa forma calando sua voz e existência.

Em um segundo momento vem falar sobre o sistema carcerário falho que temos no Brasil, que muitos julgam como o que resolver esse problema “se é negro

e deve ir para cadeia”, comparando a uma pessoa branca que só por ser de pele clara não sofre tal preconceito.

Abordando mesma temática, Ribeiro traz a nosso conhecimento uma entrevista de um senhor que diz: “No comentário, um senhor diz que é sabido que pessoas negras têm propensão natural ao crime e são menos qualificadas, e que é justamente por isso que lotam os presídios no Brasil.” (RIBEIRO, 2018, P. 63) Comentários como esse ainda é muito frequente na sociedade.

Petardo

Escrevi aquela estória escura sim
Soltei meu grito crioulo sem medo
Pra você saber
Faço questão de ser negra nessa cidade descolorida
Doa a quem doer
Faço questão de empinar meu cabelo cheio de poder
Encresperei sempre
Em meio a esta noite embriagada de trejeitos brancos e fúteis

Escrevi aquele conto negro bem sóbria
Pra você perceber de uma vez por todas
Que entre a minha pele e o papel que embrulha os seus cadernos
Não há comparação parda cabível
Há um oceano
O mesmo mar cemitério que abriga os meus antepassados assassinados
Por essa mesma escravidão que ainda nos oprime

Escrevi
Escrevo
Escreverei

Com letras garrafais
Em vermelho vivo
Pra você lembrar
Que jorrou muito sangue.

(SOBRAL, 2014, p. 38).

Nesse poema, o eu poético inicia demonstrando resistência, e usando da escrita literária para se, impor, como cidadã pertencente ao local onde vive, sua presença com seu cabelo crespo, não se importando com o que os outros podem achar e com quem vai se incomodar.

Em um segundo momento, vem falar da época da escravidão afirmando que ainda sofre as consequências mesmo depois da abolição da escravidão, cerca de três séculos depois da assinatura da lei áurea e os negros ainda são tratados como escravos, mostra que os brancos continuam sendo a classe dominadora da

sociedade e os negros vivem a margem. Revela que os anos passaram, mas a escravidão ainda continua acontecendo de forma um pouco diferente, mas não deixou de existir.

Na última estrofe do poema, ressaltam-se as torturas que seus descendentes (escravos) sofreram, como por muitas vezes foram castigados e “açoitados” no tronco até sangrar e o eu poético traz essa revolta para seus escritos. Poema moderno e curto com apenas 4 (quatro) estrofes, versos livres sem rima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou os poemas de Cristiane Sobral, presentes em duas obras *“Não vou mais lavar os pratos”* (2010) e *“Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”* (2014), uma vez que sua literatura é voltada, principalmente, ao público afro-brasileiro. Observa-se que em seus poemas ela exalta a figura feminina negra, pois percebe que em pleno século XXI, época presente de muitas tecnologias, desenvolvimento, estudos científicos e fácil acesso à educação, ainda existem preconceitos para com as mulheres negras quanto a sua classe, gênero e raça, algo que vem sendo debatido há alguns anos, mas que infelizmente é muito frequente nos dias atuais.

“Não vou mais lavar os pratos” e *“Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”* obras literárias analisadas, apresentam em seu cerne diversos poemas voltados para a figura feminina negra no qual aborda temáticas diversas como, a mulher negra quanto mãe, mulher, esposa, trabalhadora, padrões de beleza, localização geográfica de onde moram como por exemplo a vida na “favela”, classe social, sonhos e expectativas, uma visão geral de como a sociedade as veem.

Segundo a autora Cristiane Sobral, escrever é libertador, ela encontra na literatura uma forma e espaço para reivindicar seus direitos, mudar e desconstruir a visão estereotipada que a sociedade enxerga a figura negra feminina e ainda mais, ela consegue mudar as condições de outras mulheres uma vez em que elas se reconhecem nos poemas de Sobral, percebendo que elas também podem mudar suas condições na sociedade. Seguindo mesma linha de pensamento Ribeiro afirma que “ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras,

seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo” (RIBEIRO, 2018, p. 27).

Esse trabalho priorizou sensibilizar a sociedade sobre as discriminações que a mulher negra vem sofrendo, tentando expandir um pouco do conhecimento sobre suas causas, trajetória e luta por uma sociedade melhor em que todos os indivíduos possam viver com respeito, dignidade e humanização. Os poemas de Cristiane Sobral simbolizam a permanência na luta por um país mais igualitário, onde os negros possam ser tratados com dignidade e respeito.

LIBERATION, RESISTANCE AND VALORIZATION OF BLACK IDENTITY IN POEMS OF CRISTIANE SOBRAL

BIANCA BEZERRA GOMES

ABSTRACT

Cristiane Sobral, a black author, actress and contemporary Brazilian writer of short stories and poetry, brings in her writings a veritable cry of freedom for black women. This article aims to analyze the discourse of liberation, resistance and valorization of black identity in Cristiane Sobral's poems. Making use of two works, "I will not wash the dishes" (2010) and "Just for today I'll leave my hair in peace" (2014). Two collections, with poems, published in the Black Notebooks, which shows a resistance to the social standards imposed on black women, fighting for social equality and extinction of racial discrimination. In order to base this work, a methodology was used as a bibliographical research, interpretative analytic, using authors such as, Nilma Lino Gomes (2007), Cuti (2010) and Djamilia Ribeiro (2018). The poems chosen for analysis present a little knowledge about their causes, trajectory and struggle for a better society in which all individuals can live with respect and dignity.

Keywords: Black Woman; valuation; racial discrimination; black poetry.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elciane. **Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE- UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Cuti. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 3, Contemporaneidade.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LIMA, Ricardo Vieira. **Vozes femininas para um novo milênio**. Itabaiana. Revista foro, 2016.

MATA, Inocência (org.). **Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

PESTANA, Cristiane V. A. **A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – Luta Valorização e empoderamento**. Universidade de Juiz de Fora, MG, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. 3. ed. Revista e ampliada. Brasília: Athalaia, 2016.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

SOUZA, Taíse C. S. Pinheiro. **(Des)contruindo discursos e papéis socioculturais e, “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral**. In: *Revista de humanidades e letras*. 2015.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: Bonnici, T; ZOLIN, L. (orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Ver. Ampl. Maringá: EDUEM, 2010. p. 217-242.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro na literatura brasileira. **Boletim bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade**, v. 49, p. 77-109, 1988.